

"A sinodalidade é a essência da Igreja"

Edgard R. Beltrán

O Papa Francisco e algumas vozes autorizadas vem pedindo à Igreja sua **conversão sinodal**. Mas, pouco se vê; muitos não sabem de que está se falando. Vivemos uma mudança de época, favorável à conversão sinodal, uma mudança urgente.

Que a Igreja seja **"sinodal"** é de sua essência mesma como **Comunidade de Jesus**.

Comunidade pode ser entendida como um conjunto de pessoas que participam de um grupo definido, concreto; pessoas que se sentem ligadas por um princípio, causa ou objetivo comum, seguindo algumas normas que orientam a participação e, por isso, se sentem corresponsáveis; pessoas que seguem um determinado ritmo de vida, com um cronograma de encontros e atividades.

O termo comunidade faz referência a algo "comum". É aquilo cujo modo de ser é comum. A palavra "comum" vem do latim, "communis", palavra composta de "com/cum" e "munis". "Com/cum" significa: com, junto com, um ao lado do outro, unido, junto. "Munis" significa: disposto a, pronto, preparado para o serviço. O adjetivo "munis" vem do substantivo "múnus-eris", que significa: tarefa, trabalho, cargo, serviço, campo de ação, mas também, contribuição, donativo, oferta sacrificial, presente, o que duas pessoas trocam mutuamente como o sinal de uma profunda amizade, dentre outras especificações.

O "múnus" é, portanto, o melhor de nós mesmos, o que de mais caro e precioso conquistamos no trabalho, na ação de nossa dedicação e empenho, no suor do nosso serviço e trabalho: o peso da nossa identidade, a qual apresentamos ao outro como um presente, uma oferta de uma troca mútua da amizade profunda. Estar juntos, unidos nessa troca do melhor de nós mesmos, da maturidade e do crescimento, da autoridade e da identidade pessoal é ser "comum". Nisso se expressa a comunidade!

A **conversão sinodal** significa retornar à fonte primeira e retomar o início fundamental das primitivas comunidades cristãs.

"Sinodal" significa **"caminhar com"**. No grego, "sin" é "com" e "odos" é "caminho". Igreja Sinodal não é simplesmente uma Igreja que faz Sínodos, reuniões. A Igreja é Sinodal pois a totalidade de seus membros, todos e todas "caminham com Jesus" no mesmo caminho, que é a construção do Reinado do Pai.

Além disso, a Igreja é Sinodal porque a totalidade de seus membros, todos e todas "caminham uns com outros", muito unidos. Todos e todas são iguais em seu valor, são ativos e participativos, ninguém é marginalizado.

Caminhar é viver, conviver, dialogar, consultar, discernir, atuar, construir, é avançar.

Jesus "caminha construindo" o Reinado de Deus, no qual todos e todas são iguais na altíssima dignidade divina de filhos e filhas do Pai; portanto, todos e todas são iguais, irmãos e irmãs, que agora vivem e atuam em sua Casa Comum, o planeta Terra, e depois herdaram a Casa eterna do Pai. Ninguém está acima desta divina dignidade.

Jesus "caminha com o povo", em especial com o empobrecido, excluído, abandonado, aquele a quem lhe despojaram de sua dignidade e o lançaram na periferia existencial. Jesus "caminha com" eles e com elas colocando a periferia no centro dos destinatários do Reinado do Pai. Por causa disto, o ameaçam de morte para deter seu caminhar e, ao não conseguir detê-lo, o assassinam horripelmente.

O Pai o ressuscita e assim Jesus continua seu "caminhar com" a Comunidade de seus discípulos até o final dos tempos. O caminhar de Jesus é **"sinodal"**.

Igreja que é povo

Jesus "Caminha com a Igreja" construindo o Reinado do Pai. Esta é a finalidade da Igreja, a razão de seu existir. Jesus sempre "caminha com" a Igreja, seu caminhar é "sinodal". A Igreja, no entanto, nem sempre "caminhou com Jesus na construção do Reinado". A conversão sinodal da Igreja é inescusável e é urgente.

A Igreja é Comunidade "Sinodal" igualmente em seu "seu caminhar com a totalidade de seus membros". Cada um(a) dos seguidores(as) de Jesus colabora na construção do Reino e participam ativamente. É pelo sacramento do Batismo que todas as pessoas se tornam membros da Igreja. Este sacramento confirma, a quem o recebe, a filiação divina, a mais alta dignidade que um ser humano pode ter. Ninguém é superior a um filho ou a uma filha de Deus. São irmãos e irmãs entre si em igual nível. Se na Igreja há algum desnível em dignidade, se alguém crê ser superior aos outros, essa Igreja não é "sinodal", é infiel a Jesus, é uma contradição ao Evangelho. Se alguma diferença é admitida como válida, é um abuso que é preciso suprimir.

Só existem diferenças em razão dos diferentes ministérios e diferentes obras que cada um(a) realiza para edificar o Reinado do Pai. Mas essas diferenças nunca devem permitir que se desnivelem a igualdade na altíssima dignidade que a filiação divina, confirmada no Batismo, confere a cada um(a).

A Igreja não é pirâmide, a Igreja toda é "Comunidade", "Povo de Deus", santo, profético e sacerdotal.

Os abusos são eliminados na medida em que os membros da Igreja vão conseguir sua "conversão sinodal".

É uma tarefa comum na qual todos e todas temos que nos ajudar. A autoridade pode contribuir na eliminação dos abusos. O problema é que muitas vezes a autoridade pratica os abusos. Além disso, quando alguém manda, obedece-se por sujeição, não por convicção. A conversão é fruto da convicção.

A convicção é um movimento que no interior da Igreja caminha com princípios e no exterior se manifesta através de mudanças visíveis. Convicção sem mudanças é estéril, mudanças sem convicção são fachada superficial cosmética. As grandes mudanças são iniciadas por alguns, outros vão lhe acompanhando, a autoridade os ratifica. O Papa Francisco é referência neste modo de proceder. Ele pede a conversão sinodal, vem dando o exemplo e espera a corresponsabilidade de todos e de todas. Uns já deram alguns passos. Outros desejam isso e esperam uma ordem que não chega. Alguns se opõem porque vivem avidamente do abuso. Não faltam aqueles que defendem os abusos por vergonhoso infantilismo ou por ignorância, acreditando que "se isso se faz assim, está bem". Estes são uma lástima e causam danos à comunidade.

A Igreja "Sinodal", que "caminha com Jesus" construindo o Reinado do Pai e que igualmente "caminha com" cada um dos milhões de seus membros, tem um inimigo que a profana desde há muitos séculos. A "conversão sinodal" consiste em eliminá-lo; é tarefa de todos e de todas com ajuda mútua.

O **clericalismo** é o inimigo que profana a Igreja "Sinodal", contradiz de frente a Jesus e a seu Evangelho, anula à Igreja como sal e fermento do Reinado do Pai. "*O clericalismo é câncer mortal para a Igreja*", é a repetida expressão dolorosa do Papa Francisco.

O clericalismo é exercido pelo clero, mas é permitido pelo restante da Igreja, alguns talvez sem dar-se conta. Faz muitos séculos que se instalou na Igreja como um quisto e a dividiu. Mesmo dividida, a Igreja faz muito bem à humanidade, pois ela não encarcera a misericórdia do Pai. Mas a Igreja deve curar-se do clericalismo, através de uma rápida "conversão sinodal".

Clero e sacerdócio são diferentes. Poder existir sacerdócio sem clero. O sacerdócio é um serviço. O clero é uma casta social que se apropria de privilégios abusivos, se coloca numa superioridade que desnivela profanamente a igualdade da dignidade dos filhos e filhas de Deus recebida no Batismo. O pior é que se torna um poder que subjuga escandalosamente tudo e abre a porta a todo tipo de fáceis abusos que em muitos casos chegam à profanação sexual de crianças.

O sacerdócio é um ministério, e é diferente de outros ministérios, como todos os ministérios são diferentes uns de outros. Mas a diferença não concede a nenhum ministério profanar a igualdade da filiação divina do Batismo.

O clericalismo foi se incrustando na Igreja pouco a pouco e se concretizou com o imperador Constantino no séc. IV, com proveito político para ele e desfiguração da Igreja que passou de comunidade a pirâmide, uns poucos em cima e o restante embaixo. O César-papismo e logo o papo-cesarismo foram sustentando artificialmente isso com teologias acomodadas e costumes forjados. Poder absoluto no clero e ignorância submissa no Povo cozinham o clericalismo.

A "conversão sinodal" exige, da parte do sacerdócio, a rejeição a toda forma de clericalismo, e, da parte do povo, lhe exige ajudar ao sacerdócio em sua conversão sinodal e ajudar-se a si mesmo em sua própria conversão sinodal. Uns e outros devem fazer isso por convicção, que no interior se refere a princípios e no exterior se manifesta em costumes.